

JOSUÉ GUIMARÃES:
"A grande literatura vai sair da América Latina"

Coojournal

Esta entrevista foi concedida à equipe do *Coojournal*, órgão de imprensa da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e republicada no número 1 do jornal *Feira do Livro*, da mesma cidade, páginas 3 a 5, em 31 de outubro de 1980. Foi recuperada pela viúva do escritor, Nydia Guimarães, e integra, sob o número de catálogo ALJOG 3a2225-80, o arquivo de Publicações de Imprensa do Acervo Literário de Josué Guimarães, entidade mantida pelo Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Expressando posições políticas e estéticas com a franqueza característica do romancista, contista, jornalista e dramaturgo Josué Guimarães, falecido em 1986, traça um perfil do intelectual combativo que foi sob as duas grandes ditaduras brasileiras do século XX.

Uma personalidade inconformista e contestadora

Ao embarcar no navio Itaimbé, rumo ao Rio de Janeiro, nos últimos meses de 1939, o jornalista e escritor Josué Guimarães tinha uma idéia muito pequena do que poderia vir a lhe acontecer. Com 18 anos, sentia-se cansado da apatia intelectual de Porto Alegre e decidira simplesmente "sair da província", mudando-se para o fervilhante Rio dos anos 30. Lá, como ilustrador do jornal *O Malho*, ele iniciaria sua criativa e movimentada carreira no jornalismo. Hoje [1980], nacionalmente mais conhecido como escritor, continua assinando diariamente uma coluna na página dois da *Folha de São Paulo*.

Entre um período e outro, Guimarães deixou seu nome ligado a vários jornais e revistas brasileiras: *A Hora do Povo*, o *Diário de Notícias*, o *Correio do Povo* e a *Rádio Difusora* de Porto Alegre; *A Noite Ilustrada*, *O Malho*, *O Diário da Noite*, *O Cruzeiro* e a *Última Hora*, do Rio. De 1961 a 64, dirigiu a Agência Nacional. Agora, a pouco tempo de sua aposentadoria como jornalista, ele começa a dedicar-se muito mais aos livros, relegados a segundo plano durante todos esses anos.

Com quatro peças de teatro prontas, dois romances já estruturados e o novíssimo *Camilo Mortágua* recém lançado, Josué Guimarães já é quase um escritor profissional. Vendendo uma média de dois mil livros por mês – principalmente em São Paulo e em Porto Alegre – atingiu uma faixa considerada muito boa, principalmente para quem, como ele, começou a ser publicado somente na década de 70. Com exceção de *Mortágua*, todos seus outros doze livros saíram entre 1970 e 1979.

Antes disso, Guimarães viveu períodos agitados demais – bem de acordo com a sua personalidade inconformista e contestadora. Casado duas vezes – com quatro filhos no primeiro casamento e dois no segundo –, ele nasceu em São Jerônimo, pequena cidade a cinquenta quilômetros de Porto Alegre, em 1921. Oitavo filho de um casal de telegrafistas, teve uma infância pobre, passada entre algumas cidades do interior e Porto Alegre, para onde a família mudou-se depois da Revolução de 30.

Ligado ao jornalismo desde 1939, Josué Guimarães decidiu entrar para a política em fins de 1951. Ligou-se ao PTB, rompeu com o partido, filiou-se ao Partido Socialista. Com o golpe de 1964, teve que cair na clandestinidade, onde ficou até 1969, quando foi preso. Somente hoje, aos 59 anos, dono de uma bela casa no arborizado bairro Petrópolis, em Porto Alegre, ele pode pensar quase exclusivamente em seus livros. Nessa entrevista ao *Coojornal*, Josué fala de sua vida no jornalismo, na política e na literatura. Sem deixar, é claro, de contar as histórias-roteiros de peças, romances ou contos – que ele sempre está a imaginar.[Josué Guimarães foi vítima de câncer em 1986.]

Cooj: Em 1951, você decidiu entrar na política partidária e foi um dos vereadores mais votados de Porto Alegre, mas apesar de ser o líder da bancada do PTB, no ano seguinte abandonou o partido. Explique o que aconteceu e, também, como se deu a sua aproximação com a política.

JG: A minha aproximação com a política se deu através do Alberto Pasqualini. Sem dúvida foi por influência dele que eu decidi concorrer nas eleições de 1951. Fui um dos vereadores mais votados e assumi como líder da bancada, me licenciando da sucursal de *O Cruzeiro* e do *Diário de Notícias*. No ano seguinte, fui convidado para participar da primeira delegação de brasileiros que iria à União Soviética. Achei melhor perguntar ao Presidente Getúlio Vargas se não havia nenhum inconveniente em que eu, líder da bancada do PTB, fosse para a Rússia. Ele achou que não havia problema nenhum e, como os russos só pagavam a passagem a partir de Praga, falou com o Samuel Weiner, que me nomeou correspondente internacional da *Última Hora* e me deu CR\$ 40 mil para as despesas.

Depois das conferências na Rússia, eu fui convidado para ir à China Continental e fui o primeiro jornalista ocidental que entrou lá depois que Mao Tse Tung assumiu o poder. Em 1952, visitei toda a China, que ainda estava um pouco atrasada – eram os russos que estavam construindo tudo lá.

Na volta ao Brasil, depois de contar tudo ao doutor Getúlio – num jantar onde eu só via todos comerem enquanto eu falava e os meus pratos eram retirados cheios pelos garçons –, decidi fazer uma série grande de conferências, junto com o Cândido Norberto (jornalista, ex-deputado gaúcho), que também havia visitado a União Soviética. O Brizola, chefe do partido, achou que eu não deveria fazê-las e me destituiu da liderança da bancada. Assim, eu rompi com o PTB e ingressei no PS, o Partido Socialista.

Cooj: E a sua ligação com Getúlio Vargas, como é que ficou? Rompeu-se também?

JG: A primeira vez que eu cheguei perto de Getúlio Vargas foi em 1940. Eu havia me mudado para o Rio e morava na Pensão Matogrossense, que era ao lado do Palácio do Catete. O Getúlio, que depois se tornaria grande amigo meu, estava lá, mas eu não gostava dele, por causa do Integralismo e do Estado Novo.

Depois que me aproximei dele e do PTB, jamais deixei de admirá-lo. Rompi com o PTB, mas continuei a gostar do Getúlio. Inclusive, no dia 23 de agosto de 1954, um dia antes do seu suicídio, eu fiz um discurso na Câmara, duríssimo, acusando o PTB de encolher-se, de desamparar o Getúlio. Foi um discurso contra os generais golpistas e contra o PTB. O povo e os filiados ao PTB, porém, não quiseram saber disso: quando o Getúlio se suicidou, fui caçado de tal maneira que tive que me esconder num sítio em Taquara. Eu e o Cândido Norberto, que quase foi linchado pelo povo.

Cooj: E depois disso, o que você fez?

JG: Em 1956, eu participei da fundação do jornal *A Hora*, que revolucionou o jornalismo gaúcho. O jornal pertencia ao Jango Goulart e à família di Primio Beck. No mesmo ano de sua fundação, ele já tinha uma tiragem superior ao *Correio do Povo* e ao *Diário de Notícias*. Era um jornal de 48 páginas, com uma diagramação incrível feita pelo Chico Stockinger, o escultor.

Éramos extremamente nacionalistas, fazíamos a campanha de *O Petróleo é Nosso*. Metíamos pau na Esso. O gerente comercial vinha desesperado nos dizer que a Esso havia prometido páginas e mais páginas de anúncios se mudássemos de linha, mas é claro que não mudamos. Dois anos mais tarde, o Jango se acomodou e vendeu a sua parte do jornal para o Aníbal di Primio Beck, que na época era presidente do PTB. Na mesma hora em que ele foi à redação avisar que havia assumido o controle acionário do jornal, nós nos demitimos. Mais tarde o jornal fechou.

Todo um grupo ficou desempregado. Passávamos as tardes no centro da cidade, no Largo dos Medeiros, chamado largo da

M... Foi quando o Chateaubriand nos chamou ao Rio para tentar salvar o *Diário da Noite*. Mas nem o Alberto Dines havia conseguido essa façanha e nós simplesmente desaparecemos sem pegar nem os salários depois de algum tempo lá. Em 1959, trabalhei no *Diário*, briguei, saí e, em 1960, abri uma agência de publicidade.

Cooj: E como você se envolveu no episódio da Legalidade?

JG: Logo após a renúncia do Jango, o Brizola mandou me chamar, nós entramos no Palácio Piratini e demos início à Legalidade. No dia seguinte, ele me deu CR\$ 10 mil e me mandou para o Rio, montar uma estação de rádio clandestina, para informar o que estava acontecendo lá.

No Rio, fui recebido pelo Fernando Sabino e pelo Paulo Mendes Campos, e iniciamos uma conspiração na luxuosa casa do Hélio Pellegrine, no Jardim Botânico. Em uma semana, montamos a rádio. Íamos para a Floresta da Tijuca e fazíamos antenas improvisadas com taquaras e pregos, mas tudo começou a ficar perigoso demais. Nos mudamos para Petrópolis e depois para Friburgo. De Petrópolis, avisei para o Brizola que o porta-aviões Minas Gerais havia zarpado rumo ao Sul. Toda a polícia andava à cata de um tal de Samuel [Ortiz], meu pseudônimo. Uma vez, por muito pouco não nos pegaram na casa do Fernando Sabino. Depois a coisa se acalmou, eu voltei para Porto Alegre e fui chamado de volta ao Rio, pelo Jango, para dirigir a Rádio Nacional. A rádio era uma coisa tão horrorosa que eu me demiti em 24 horas.

Cooj: E aí veio 1964...

JG: Bom, quando estourou o golpe, eu tentei me refugiar na embaixada do Uruguai, mas não consegui. Meus amigos desconfiaram que eu deveria estar em má situação e vieram me buscar. Me levaram para Campinas. Minha mulher foi para Santos. Pouco tempo depois, tive que fugir do sítio onde eu estava e fui para Santos também. Fiquei um ano e meio vivendo lá, com o nome de Samuel Ortiz. Abri uma livraria e vendia o Montepio da Família Militar. Vendia-o até mesmo nos quartéis, porque ninguém me conhecia. Eu nunca havia me deixado fotografar quando estava na Agência.

Em 1966, fui para São Paulo abrir um negócio que não deu certo. Depois fui para o Rio. Em 1969, me descobriram e fui preso. O delegado tinha sido meu companheiro de venda de montepio e eu fui bem tratado. Ia até dormir em casa. Não havia nada contra mim. Me soltaram pouco depois e eu voltei para Porto Alegre.

Cooj: E os livros? Você já havia escrito algum até então?

JG: Alguns livros já fervilhavam na minha cabeça, mas eu não tinha tempo nenhum. A história dos Mucker, por exemplo, eu queria escrever desde 1960. Na época, porém, eu já havia escrito muitos contos. Centenas deles. Em 1969, em Porto Alegre, eu estava desempregado. Então, a minha mulher sugeriu que eu participasse do concurso de contos do Paraná. Pois eu acabei participando e ganhando o concurso. Aí, um editor português amigo meu, que morava no Rio, editou o livro com os três contos que ganharam no Paraná e mais alguns outros. Chamou-se *Os ladrões*, um livro de altos e baixos.

Em 1972, eu terminei de escrever *Tempo de Solidão*, o primeiro livro da trilogia *A Ferro e Fogo* e entreguei-o à editora Sabiá, que acabou sendo comprada pela José Olympio e o livro já saiu lá. Foram eles também que editaram o livro seguinte, *Depois do Último Trem*.

Aí, eu fui para Portugal, onde escrevi *Tempo de Guerra e Lisboa Urgente*, sobre a guerra na África. Depois, a editora me pediu um livro infanto-juvenil, um setor que eles achavam [estar] a descoberto. Eu escrevi *É Tarde Para Saber*. Quando voltei ao Brasil, o livro ainda não havia sido editado, por problemas políticos. A editora estava nas mãos do BNDE, cheio de militares, e o livro falava de um rapaz que era terrorista. Então rompi contrato com eles e assinei com a L&PM. Hoje, o livro já está na 7.^a edição e foi adotado por uma enorme quantidade de colégios brasileiros.

Cooj: O livro seguinte, *Tambores Silenciosos*, é seu maior sucesso até hoje. Ele foi escrito na volta ao Brasil?

JG: Os *Tambores Silenciosos* também foi escrito em Portugal. Eu morei lá dois anos e escrevi quatro livros. Levei todo o le-

vantamento dos *Tambores Silenciosos* pronto aqui do Brasil, mas só lá botei no papel.

Foi aí que o Erico morreu [1975] e isso me abalou muito. Na volta ao Brasil, a Editora Globo instituiu um prêmio em homenagem a ele, insignificante quase, Cr\$ 25 mil. Mas a minha mulher achou que eu deveria inscrever os *Tambores*, para ligar o meu nome ao do Erico. Eu inscrevi e ganhei. O livro tem uma carreira muito boa: já está na 5.^a edição e sendo traduzido para a Espanha e para a Itália.

É o livro de que eu gosto mais, depois de *Camilo Mortágua*, é claro. Ele trata de uma microditadura, de um micro-Brasil – e já nasceu com problemas. Antes de ser editado, alguém conseguiu os originais na Editora Globo e descobriu que um personagem chamado Lúcio Machado – um crápula – era, na verdade, o Luciano Machado, que trabalhava no Tribunal de Contas, onde eu também trabalhara em 1964, quando caí na clandestinidade. Aí, o livro ficou praticamente proibido, mas acabou sendo liberado pouco mais tarde. Em cinco dias, vendeu 30 mil exemplares.

Cooj: Você já poderia viver exclusivamente de seus livros?

JG: Certamente não. Estou vendendo uma média de dois mil livros por mês; isso já quase permite uma profissionalização, mas ainda é insuficiente. Estou esperando pela minha aposentadoria pela *Folha de São Paulo* e lutando por uma aposentadoria do Tribunal de Contas, de onde fui injustamente demitido, para me dedicar apenas aos livros. Aí, fico apenas com a minha coluna na página dois da *Folha* – o que, inclusive, é bom para não me desatualizar. Já tenho muitos planos: quero passar a escrever um romance por ano, no máximo, mais uma ou duas peças, um livro infanto-juvenil e outro infantil. Já tenho pronta a primeira série de *Histórias Incríveis do Tio Balduino*, histórias para crianças, que se pegarem, podem ser produzidas às dezenas.

Até o final deste ano, eu pretendo escrever *A Morte da Primeira Dama*. Até maio de 1981, espero terminar *Tempo de Angústia*, o último volume da trilogia *A Ferro e Fogo*, e, até o fim de 1981, quero aprontar mais um romance: *Uma Fresta na Janela*, uma história mais leve, quase policial, com um final meio surrealista. Além disso, eu já tenho quatro peças prontas.

Cooj: Você pode falar delas?

JG: Eu realmente pretendo começar, cada vez mais, a fazer peças para atores de televisão. Acontece que, geralmente, eles trabalham seis meses e folgam seis outros meses. Então, eles querem viajar com teatro para aproveitar o cartaz. O grande problema deles é que não se encontram peças para quatro ou cinco atores: todas são para elencos de 10 ou 12 pessoas, no mínimo – e hoje em dia, viajar pelo Brasil com um grupo assim custa muito. Para dar lucro, tem de se cobrar mil cruzeiros pelo ingresso. Por exemplo, eu tenho uma peça com dois personagens que os alucina. O Paulo Gracindo e o Lima Duarte estão brigando por ela. Baseia-se num conto que eu escrevi para a *Status*, chamado *Débora, Débora*.

Cooj: Você poderia contá-la?

JG: Claro. Dois velhos amigos se encontram. A mulher de um deles o abandonou para viver com o outro. Ele explica ao amigo tudo o que deve fazer para agradá-la, apesar de estar terrivelmente aborrecido por tê-la perdido. No segundo ato, inverte-se a situação: a mulher volta para o marido e o amigo conta os segredos que descobriu a respeito dela. Débora nunca aparece – provavelmente vai ser a Bruna Lombardi, num enorme pôster em cena. Os dois apenas elogiam a Débora.

No terceiro ato, o marido vai, desesperado, ao escritório do amigo dizendo saber que a Débora quer voltar para ele. O amigo pergunta se tem feito tudo o que ela gosta, ele garante que sim. O amigo diz então: “Tive uma idéia genial. Nós é que vamos decidir isso. Vamos jogá-la no pôquer. Se você perder e ela vier me procurar, eu ficarei com ela. Se você ganhar, mesmo que ela venha para mim, não a aceitarei de maneira nenhuma, digo que vou casar com outra e a mando embora”.

O marido hesita. Não quer jogar, diz que tem azar. Mas o jogo começa: pôquer aberto, uma só rodada. Dadas as cartas, o marido recebe um par de reis. O marido quase chora, blasfema, lamenta. Cada um pede mais três cartas. Dois oitos para o marido, par de ases para o amigo. Na última carta, o marido fecha o *fullhand* e ganha.

Nisso, a secretária avisa que uma certa dona Débora acaba de chegar. O marido diz: "Não vais cumprir a promessa, eu sei". O amigo manda-o sair pela porta dos fundos, garante que vai manter a palavra. O marido sai. Débora vai entrar. Ele se vira para o público e diz: "Vai ter uma idéia genial assim na puta que pariu!" Para salões paroquiais e colégios há uma adaptação: "Vai ter uma idéia genial assim no raio que o parta!"

Cooj: E as outras três peças?

JG: A primeira chama-se *O Grito de Dolores*. Baseia-se num acontecimento verídico, acontecido em Dolores, no México. Em 1810, um padre mulato dá um grito libertário, distribuindo terras aos trabalhadores, liberdade para todos. É preso e fuzilado. Um ano depois, deu-se a independência do México. Na peça, que trata dos golpes de estado na América Latina, num palco vazado, um único personagem conversa com o público, traçando a trajetória que vai desde Pizarro até Pinochet.

Outra peça é *A Nau dos Inocentes*, que mostra as pessoas apanhadas de surpresa pelo golpe de 1º de abril de 1964. Os cenários também são muito simples e os personagens usam malhas de uma só cor, de acordo com o seu papel. São duas mulheres e três homens que representam 16 personagens, segundo as teorias do Teatro do Oprimido, de Boal. No primeiro ato, todos representam o seu papel na sociedade. No segundo, estão mortos, cruzando de barco para a vida eterna. São julgados pelo barqueiro.

A terceira peça tem uma hora de duração. Chama-se *Antes do Amanhecer* e é escrita em versos. Ou, como diz o Mario Quintana: "Josué pensa que interromper uma frase no meio e continuar em nova linha é verso".

Cooj: Você teve uma produção muito grande nos últimos anos e ainda pretende aumentar de ritmo. Isso não diminui a qualidade das obras? O que você pensa disso?

JG: Se você decide que vai escrever três romances num ano, não tem esses romances na cabeça e precisa inventá-los, o resultado vai ser péssimo. Você não pode inventar um romance. Você tem de deixar que ele amadureça com o tempo. É quase

como um furúnculo: chega um dia em que ele abre, é só espremer, dói um pouquinho, mas sai.

Agora, se você já tem cinco histórias boas num ano, pode escrevê-las todas, sem problema. O Simenon escreveu cinco livros num mês, todos de boa qualidade. Às vezes, um sujeito leva dez anos escrevendo um livro e ele não vale nada. Quer dizer, acho que não existe uma relação muito importante entre quantidade e qualidade, não?

Cooj: E da literatura brasileira atualmente, o que você poderia dizer?

JG: Acho que quem pretende escrever livros no Brasil, deve procurar atingir o máximo de leitores. Por isso, é preciso saber que estamos num país subdesenvolvido, onde pouquíssima gente lê. A minha tese é que o escritor brasileiro deve escrever com a maior simplicidade possível: facilitar a leitura, cortar as palavras pouco usadas, criar ganchos e encantamentos para prender o leitor. Os modernos autores norte-americanos dão lições sobre isso e são muito melhores do que os europeus.

Acredito que, nos próximos trinta anos, a grande literatura sairá daqui da América do Sul. Ela, por enquanto, ainda é uma coisa exótica. Será realmente grande quando, ao invés do realismo mágico, conseguir descrever por inteiro a vida deste continente. Mas ainda nos falta *background*. O escritor brasileiro, por exemplo, é pouco aprofundado culturalmente.

Na tela do Castelo, uma vida em três sessões

Todas as vezes que contava a história de *Camilo Mortágua* para seu grande amigo Erico Verissimo, Josué Guimarães ouvia a mesma resposta: "Mas essa história é uma beleza. Quando é que você vai escrevê-la? Faça-o logo, antes que seja eu que a escreva". Hoje, Verissimo não está vivo para ler, mas *Camilo Mortágua* (L&PM Editores, 486 págs.) finalmente foi escrito e publicado. Com suas quase 500 páginas, é o primeiro livro que Josué Guimarães escreveu

com inteira liberdade. Autorizado por seus editores, não precisou preocupar-se com o número de páginas ou com o custo do livro: apenas contou a história, fluente e movimentada. A seguir, ele mesmo faz um resumo do livro:

JG: Trata-se da história da decadência de uma família rural pecuarista, que levava uma vida faustosa num casarão da Avenida Independência, em Porto Alegre. A família vai-se arruinando pouco a pouco, até que resta apenas Camilo. O livro começa justamente no momento em que ele, com 65 ou 66 anos, está morando numa pensão de quinta categoria, no Bairro Azenha, perto da antiga Rua Cabo Rocha, em frente ao Cinema Castelo. Uma zona terrível.

É o dia 1º de abril de 1964, dia do golpe militar. Alheio a tudo isso, o velho Camilo decide ir ao cinema, perto da pensão. O filme é *Cleópatra, a rainha de César*, que realmente estava passando nesse dia. Na entrada, a bilheteira, que o conhecia, diz que o filme é chato, que não vale a pena assisti-lo. Como o velho não tem nada para fazer, decide entrar assim mesmo.

O filme começa e Camilo Mortágua pensa que houve algum engano. É que na tela aparecem grades e uma longa escadaria que ele imediatamente reconhece como sendo a de sua antiga casa. A seguir, entra correndo um menino de cinco anos e ele reconhece a si mesmo. Naquele dia surpreendente ele assiste, na tela, a 20 anos de sua própria vida. Ele teria imaginado tudo? A verdade é que, através do filme, ele toma conhecimento de coisas que não sabia, de momentos em que ele não estava presente. Por exemplo, ele descobre como seu pai e seu irmão mais velho mandaram de volta para um cabaré do interior uma prostituta que ele adorava e para qual ele havia alugado uma casinha, que visitava constantemente. Fica sabendo que ela não o traiu, como o fizeram crer, mas que ainda o amava.

Ao fim da sessão, ele sai desesperado do cinema. Toma um porre homérico e volta para a pensão. Lá moravam também um técnico de rádio e TV, um vendedor de carros com uma mulher meio puta, um funcionário estadual, etc. Lá, ele faz um escândalo, quebra várias coisas. No dia seguinte, a dona da pensão, que gostava muito dele, tenta acalmá-lo, mas ele está indócil. Está esperando pela noite, para ver o filme novamente. Na hora da

sessão, a bilheteira estranha em vê-lo lá novamente, pensa que o velho caducou de vez. O filme começa e o que Camilo Mortágua vê é a continuação de sua vida: mais uns 20 anos, naquela noite, onde aparecem seu casamento fracassado, as traições de sua mulher, algumas cenas altamente eróticas. Ao sair, ele está ainda mais desesperado. Apanha uma mulher horrível na rua e tenta repetir com ela – numa pia – uma cena de amor que tivera com a sua amante do interior, numa banheira. Arma-se assim uma nova confusão na pensão e a dona acaba botando sua trouxa de roupas na rua. Ele está expulso.

Nesse meio tempo, Mocinha, a sua amante, está de volta a Porto Alegre e procura por ele. Na noite do terceiro dia, ele vai outra vez ao cinema: vê seus últimos anos, chega até os últimos dias, fica horrorizado com as duas bebedeiras anteriores, descobre que, enquanto estava na fila para entrar no cinema na noite anterior, Mocinha estava na pensão procurando por ele. Eles quase se cruzaram na rua. Aí, o filme começa a mostrar o que aconteceu naquele mesmo dia. Ele vê a si mesmo sentado no cinema, a realidade e o filme se aproximam cada vez mais, aí...

Bom, como o livro tem um final meio policial, não convém contá-lo, não é mesmo? Quem quiser saber o fim – que, sem dúvida, é a parte mais interessante do livro – deve lê-lo. Na verdade, *Camilo Mortágua* é um livro de histórias, só de histórias. Não há paradas para elocubrações ou filosofadas. Acho que é justamente por isso que o livro vai pegar. Quem ler vai recomendar. É assim mesmo que um livro estoura... Não adianta fazer um gigantesco esquema de propaganda se as pessoas não gostarem e não recomendarem umas às outras.